

**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**

**Filosofia  
Política,  
Educação,  
Direito e  
Sociedade 4**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e  
Sociedade 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Geraldo Alves e Natália Sandrini

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-097-1

DOI 10.22533/at.ed.971190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.  
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INFLUÊNCIA DE PARADIGMA NA RELAÇÃO ENTRE ESTILOS E ENSINO DE APRENDIZAGEM NA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Carla Cristina Sousa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904021	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva	
Jeferson Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904022	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
A ESCOLA RECONHECENDO SEU PODER COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	
Géssica Dal Pont	
DOI 10.22533/at.ed.9711904023	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>25</b>
A CULTURA VISUAL ESCOLAR E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA	
Luiz Carlos Cerquinho de Brito	
Valdejane Tavares Kawada	
DOI 10.22533/at.ed.9711904024	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A ACEITAÇÃO PRÓPRIA DA CRIANÇA SURDA ATRAVÉS DA LITERATURA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE EM FREUD	
Bianca Barros Viana	
DOI 10.22533/at.ed.9711904025	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
LAS DISCIPLINAS 'PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS' Y SUS CONTRIBUCIONES A LA FORMACIÓN INICIAL DE PROFESORES DE QUÍMICA EN BRASIL: UN ESTUDIO DE CASO	
Elber Ricardo Alves dos Santos	
Lenalda Dias dos Santos	
Maria Clara Pinto Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9711904026	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
PROFESSOR ARTICULADOR: UMA PROPOSTA DE TRABALHO NA ESCOLA SESI-RS	
Sônia Elizabeth Bier	
Danielle Schio Rockenbach	
Luiza Seffrin Zorzo	
Joice Welter Ramos	
Marta Moraes Bitencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9711904027	



<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>70</b>
LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE: USO DO “INTERNETÊS” ONLINE LANGUAGE AND TECHNOLOGY: USE OF THE INTERNETÊS	
Eloiza da Silva Gomes de Oliveira Caio Abitbol Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9711904028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>78</b>
LUDICIDADE E O BRINCAR: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Nayara Paloma Vieira Galdino Thays Evelin da Silva Brito Kátia Farias Antero	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9711904029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>82</b>
LUGAR DE ALUNO É NA COZINHA: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Janaína Moreira Pacheco de Souza Fabrício Nelson Lacerda Carolina Barreiros de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>93</b>
“MALA DA LEITURA”: A LEITURA EM MOVIMENTO	
Mariângela Gomes de Assis Elisângela Justino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>100</b>
MEMÓRIAS DO GRUPO ESCOLAR EUGÊNIO JARDIM: O QUE NOS REVELA SEU “TERMO DE VISITA”?	
Márcia Campos Moraes Guimarães Maria Aparecida Alves Silva Kênia Guimarães Furquim Camargo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>114</b>
MÉTODO DA COMPOSTEIRA ( <i>BIN METHOD</i> ) PARA COMPOSTAGEM DE CARÇAÇAS DE ANIMAIS EM CATALÃO	
Marcelo Victor Mesquita Pires Ed Carlo Rosa Paiva Priscila Afonso Rodrigues de Sousa Jupyracyara Jandyra de Carvalho Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>129</b>
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva Jeferson Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040214</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>137</b>
NOMADISMO DIGITAL: AUTONOMIA E MOBILIDADE NA EDUCAÇÃO	
Rozevania Valadares de Meneses César Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>149</b>
A MONITORIA NO ENSINO SUPERIOR – AÇÃO E REFLEXÃO DO FAZER DOCENTE	
Faraídes Maria Sisconeto de Freitas Fabiana Helena Silva Valeska Guimarães Rezende da Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>157</b>
A FORMULAÇÃO DE PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DA PROBABILIDADE CONDICIONADA	
Carla Maria Lopes da Silva Afonso dos Santos Cristina Paula da Silva Dias Maria José Pinto da Silva Varadinov Joaquim Manuel Baltazar Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>165</b>
A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA EM DEBATE: AS PROPOSIÇÕES OFICIAIS E A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
Leila Procópio do Nascimento Valeska Nahas Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>184</b>
O CURSO DE HOSPEDAGEM DAS EEEPs DO CEARÁ E A CONTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS EM SEU PROCESSO FORMATIVO	
Maria Lucimar Vieira Ângela Onofre Lima Francisco José Assunção da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>196</b>
O CURSO NORMAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DA ASSOCIAÇÃO INSTRUTIVA JOSÉ BONIFÁCIO DE SANTOS- AIJB	
Lúcia Tavares Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>211</b>
A AVALIAÇÃO DA ORALIDADE EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO	
Flávia Barbosa de Santana Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040221</b>	



**CAPÍTULO 22 ..... 222**

A AVALIAÇÃO OBJETIVA DOS CONHECIMENTOS DE MATEMÁTICA À ENTRADA DO ENSINO SUPERIOR DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO E RESULTADOS DE UM TESTE ESTANDARDIZADO DE CONHECIMENTOS - PMAT

Maria Helena Morgado Monteiro  
Maria João Rosado de Sousa Afonso  
Fernanda Marília Daniel Pires

**DOI 10.22533/at.ed.97119040222**

**CAPÍTULO 23 ..... 230**

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE MENINOS E MENINAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL POR MEIO DOS ATOS DE LEITURA TRIANGULADA: EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS

Natalia Ribeiro Ferreira  
Marise Marçalina de Castro Silva Rosa

**DOI 10.22533/at.ed.97119040223**

**CAPÍTULO 24 ..... 243**

O ENTENDIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR SOBRE O CONCEITO DA HOMOSSEXUALIDADE

Joseanne Aparecida Maramaldo Levi

**DOI 10.22533/at.ed.97119040224**

**CAPÍTULO 25 ..... 249**

EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERCEPÇÃO DE GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Filipe Celestino Girão Nobre  
Juliana Campos da Silva  
Francisca Bertilia Chaves Costa  
July Grassiely de Oliveira Branco  
Ana Maria Fontenelle Catrib

**DOI 10.22533/at.ed.97119040225**

**CAPÍTULO 26 ..... 260**

REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Francine Mendes dos Santos  
Itana Nogueira Nunes

**DOI 10.22533/at.ed.97119040226**

**CAPÍTULO 27 ..... 266**

REDES SOCIAIS E COMPORTAMENTO POLÍTICO VIOLENTO: UMA SÍNTESE DAS AMEAÇAS AOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

Jonas Modesto de Abreu  
Danielle Pereira de Melo

**DOI 10.22533/at.ed.97119040227**

**CAPÍTULO 28 ..... 278**

RIZOMA E EDUCAÇÃO: GILES DELEUZE E FÉLIX GUATARI, CONTRIBUIÇÕES JUNTO A EDUCAÇÃO

Beatriz Ferrari Westrup  
Jocilene Fernandes Cruz  
Sibele Guedin Custódio

**DOI 10.22533/at.ed.97119040228**

**CAPÍTULO 29 ..... 282**

TRABALHO E SER SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES E CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Alexandra Queiroga Cavalcante Bezerra

Ana Candida Chagas Alencar

Carmem Maria Vieira de Amorim

Francisco Rivelino Oliveira Nascimento

Geicy Caroline Duarte Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.97119040229**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 293**

## PROFESSOR ARTICULADOR: UMA PROPOSTA DE TRABALHO NA ESCOLA SESI-RS

### **Sônia Elizabeth Bier**

Serviço Social da Indústria- SESI/RS  
Porto Alegre - RS

### **Danielle Schio Rockenbach**

Serviço Social da Indústria- SESI/RS  
Porto Alegre, RS

### **Luiza Seffrin Zorzo**

Serviço Social da Indústria- SESI/RS  
Porto Alegre, RS

### **Joice Welter Ramos**

Porto Alegre, RS

### **Marta Moraes Bitencourt**

Porto Alegre, RS

**RESUMO:** O estudo tem como objetivo analisar as contribuições de uma escola que contextualiza em sua prática o mundo do trabalho e a excelência acadêmica para a formação integral do aluno, impulsionando-o à construção de seus projetos de vida. Neste relato, discutiremos possibilidades de articulações de espaço e tempo escolares em uma instituição que respeita os diferentes estilos e formas de aprender, as diversas realidades, culturas e linguagens dos jovens a partir da experiência de professores (chamados de Professores Articuladores) com seus alunos da Escola de Ensino Médio do Serviço Social da Indústria-SESI/RS. Embora sendo uma experiência de

apenas quatro anos, os primeiros resultados já repercutem em todos os âmbitos escolares, contribuindo com ações e projetos, e sinalizam novas possibilidades de trabalhar com alunos que estão vivenciando a adolescência e a juventude, favorecendo os efeitos da escola para os jovens e potencializando os interesses e os modos de ser e de aprender de cada jovem-aluno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Professor Articulador, Aprendizagem, Jovens.

**ABSTRACT:** The study has the objective to analyze the contributions of a school that contextualizes in its practice the world of work and the academic excellence for the integral education of the student, impelling him for the construction of his life's project. In this chapter, we will discuss the possibilities to articulate the school space and time in an institution that respects diverse styles and ways to learn, as well as the many realities, cultures, and languages of youth, since the experience of teachers (called articulator teacher) with their students of Serviço Social da Indústria-SESI High School, placed in the Rio Grande do Sul State. Although there are only four years of experience, the first results already reverberate in all school segments, providing actions and projects, and showing new possibilities to teach students that are experiencing the adolescence

and the youth, favoring the school effects for youth and strengthening the interests and the ways of being and learning of each youth-student

**KEYWORDS:** Education, Articulator Teacher, Learning, Youth.

## 1 | INTRODUÇÃO

No início do ano de 2014, a Escola de Ensino Médio do Serviço Social da Indústria-SESI/Rio Grande do Sul, que nesse mesmo ano iniciara seu funcionamento, lançou mão de um dispositivo visando à articulação e à elaboração das mais diversas experiências, aprendizagens e estilos para impulsionar a construção do conhecimento e de projetos de vida dos seus alunos. Nosso artigo surge, então, da interrogação sobre como uma escola que contextualiza em sua prática o mundo do trabalho e a excelência acadêmica pode contribuir para a formação integral do aluno e impulsionar a construção de seus projetos.

A presença de Professores Articuladores foi pensada na Escola SESI/RS a partir da necessidade de acompanhar e auxiliar o aluno no seu percurso escolar durante os três anos do Ensino Médio. Conforme Coutinho (2011, p. 6), “o encontro do jovem com a escola e com a Educação envolve bem mais do que a aquisição de conhecimento, possibilitando o estabelecimento de redes sociais e afetivas, bem como a ampliação dos horizontes culturais e humanos...”. Através do diálogo crítico-reflexivo de temas que estão na pauta da vida dos jovens, a relação do jovem com a escola é investida de novos sentidos. Isso ocorre através da circulação dos discursos, das falas, dos laços sociais, dos conhecimentos e da diversidade juvenil no tempo e espaço escolar.

A partir de mecanismos específicos, cada aluno da escola escolhe um professor para ser seu Professor Articulador. Com periodicidade semanal, esse Professor acompanha, durante o período letivo, o seu grupo de alunos. Os encontros ocorrem em grupo ou de forma individual, a partir da demanda do aluno, ou pelo convite do Professor Articulador. Nesses encontros, o diálogo parte de temas estruturantes que são desenvolvidos junto aos alunos. O Professor, nessa proposta, não desenvolve os descritores específicos de sua área e componente curricular de atuação na escola, pois, para o encontro com o Professor Articulador, não há o horário específico de uma aula, no entanto, busca-se garantir um espaço dentro do horário escolar para que os encontros sejam realizados. Eles são desenvolvidos de forma dialogada, podendo também ser utilizadas outras estratégias selecionadas pelos Professores, como textos, música, pesquisas em sites, etc.

Os temas estruturantes previstos para essa modalidade - Professor Articulador - são norteadores para os encontros e foram selecionados a partir de temáticas que estão na pauta da vida dos jovens: perpassam as diferentes culturas juvenis e auxiliam na estruturação dos projetos futuros, tais como, trajetória escolar, orientação para os estudos, vida profissional, dentre outros. Decidido o tema estruturante, professor e aluno estabelecem, se necessário, estratégias, ou elaboram um plano de trabalho,

percorrendo conjuntamente uma reflexão sobre como o jovem/aluno alcançará seu objetivo. Quais são seus projetos de vida? Quem vai lhe ajudar? Como o jovem, neste processo, vai se comprometer? Essas são algumas interrogações dialogadas nesse desenho escolar que se apresenta.

## 2 | O PROFESSOR ARTICULADOR E O ESPAÇO-TEMPO ESCOLAR

<i>Compositor de destinos</i>	<i>Nem foi tempo perdido</i>
<i>Tambor de todos os ritmos</i>	<i>Somos tão jovens</i>
<i>Tempo Tempo Tempo Tempo</i>	<i>Tão jovens, tão jovens</i>
<i>Entro num acordo contigo</i>	<b>Tempo perdido, Legião</b>
<i>Tempo Tempo Tempo Tempo</i>	<b>urbana.</b>
<b>Oração ao tempo, Caetano</b>	
<b>Veloso.</b>	

Os versos acima traduzem algumas perspectivas sobre o tempo. No trabalho do Professor Articulador, ele é um elemento importante. Na verdade, aliado ao espaço, o currículo das Escolas SESI/RS considera o tempo – em relação à aprendizagem dos alunos e em relação às culturas juvenis. Paulo Freire (1993, p. 10) registrou que “o tempo que levamos dizendo que para haver alegria na escola é preciso primeiro mudar radicalmente o mundo é o tempo que perdemos para começar a inventar e a viver a alegria”. Seguindo o conselho freireano, as Escolas SESI/RS ressignificaram o tempo escolar, e perceberam que “os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é que importa.” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Conforme o Projeto Político Pedagógico da Escola (SESI/RS, 2013, p. 27), a metodologia proposta reflete os princípios da pedagogia ativa, justificando o desenvolvimento de projetos, tensionados pelas questões do mundo do trabalho e pelas três dimensões propostas para o currículo. Isso ocorre no âmbito de uma matriz tridimensional, em que conceitos estruturantes das áreas de conhecimento (Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas), níveis de complexidade (descobrir e significar; criar; inovar) e modos de fazer e pensar (Culturas Juvenis; Projetos de Vida e Trabalho; Patrimônio Cultural Integrado; Construções Criativas e Tecnologias Contemporâneas) se encontram. As Escolas SESI/RS constituem-se em um espaço sociocultural, à medida que

analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, adultos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. (DAYRELL, 1996, p. 1)

Dessa forma, as Escolas SESI/RS abrem espaço para o trabalho do Professor Articulador e para as culturas juvenis. Pais (2006) coloca que as culturas juvenis

podem ser vistas de duas formas: a partir das formas prescritivas, impostas pela sociedade, e a partir das performances cotidianas. Tomamos as culturas juvenis como performativas, pois “ser/estar/parecer ‘jovem’, numa leitura atual, é dizer que se é dono de uma identidade juvenil – é assumir uma prática cultural” (GARBIN, 2009, p. 13). Juarez Dayrell, ao problematizar a diversidade cultural na escola, aponta alguns questionamentos importantes que às vezes são esquecidos na dinâmica escolar. Quem são estes jovens que estão na escola? Qual significado tem a escola para eles? Que sentido tem o Ensino Médio para estes jovens? Que significado terão as experiências vivenciadas no espaço-tempo escolar durante o Ensino Médio? Em geral, “a diversidade real dos alunos é reduzida a diferenças apreendidas na ótica da cognição [...] ou na do comportamento [...]. A prática escolar, nessa lógica, desconsidera a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos [...]”. (DAYRELL, 1996, p. 5). Tal diversidade também é traduzida pela composição de diferentes estilos e formas de aprender que compõem o grupo de alunos e que se desdobram em outros contextos que não só escolar.

Tendo em vista que nas Escolas SESI/RS desenvolve-se a excelência acadêmica contextualizada com o mundo do trabalho, de que forma o Professor Articulador contribui para que o tempo na escola seja “um compositor de destinos”, e não um “tempo perdido”?

Em um grupo de diálogo (BOHM, 1989) realizado na Escola SESI/RS, na cidade de Pelotas/RS, os alunos do 3º ano foram convidados a falar sobre a experiência com o Professor Articulador e o espaço-tempo escolar. Esse grupo de alunos ingressou na Escola em 2014, sendo, assim, a primeira turma de concluintes do curso de Ensino Médio da instituição, e os primeiros a terem a experiência do Professor Articulador ao longo do curso. As perguntas norteadoras foram: como você define o Professor Articulador? Como você percebe a atuação do Professor Articulador em relação a estar em uma escola de turno estendido? O professor articulador auxiliou no entendimento e significação das experiências vividas no Ensino Médio? Em relação ao seu projeto de vida, como você avalia ter um Professor Articulador? Como seria esta Escola sem o Professor Articulador?

O primeiro momento do grupo de diálogo, tal como registrado por Bohm (1989, p. 9), foi reservado para falar sobre o que é dialogar (diálogo é um dos princípios das Escolas SESI/RS), “trocando ideias sobre o porquê de estarmos interessados em dialogar, o que o diálogo significa, e assim por diante. - Eu não acredito que seja sábio começar um grupo de diálogo antes de passar por tudo isso”. Para melhor ouvir e entender as narrativas dos jovens foi importante sinalizar o que é dialogar, e que isso implica, também, em uma reflexão coletiva, em que as opiniões pessoais ficam em suspenso para que se possa analisar em profundidade o tema exposto. Ao final do diálogo, é possível que as opiniões tenham mudado, ou não, pois não é esse o objetivo dele, e sim ouvir as expressões de todos. Dessa forma, “convicção e persuasão não são chamadas para estar presentes em uma sala onde se quer ter um diálogo”. (BOHM, 1989, p. 13). A organização da sala do encontro também foi levada

em consideração, pois “uma noção básica para um diálogo é a de colocar as pessoas sentadas em um círculo. Este arranjo geométrico [...] permite um processo direto de comunicação”. (BOHM, 1989, p. 9).

Destacamos, assim, alguns excertos do grupo de diálogo:

- Nessa escola tem diferença.
- Eu conversei sobre notas, em relação às matérias que eu tinha que estudar, o que focar.
- Além de ser o professor, eles procuram a gente. Às vezes não vou falar com ele, mas ele procura para saber. Não é um professor apenas. Todos se tornam articuladores. Todos se juntam e ajudam a gente.
- Tanto no acadêmico quanto na vida. Eles são proativos. Não como na escola comum que o professor vem, coloca a matéria no quadro e deu. Aqui não.
- Não é como nas outras escolas, eles fazem de tudo para a gente aprender.
- Quando a gente entrou aqui, a gente não sabia como organizar nosso horário por ter o turno estendido. Ele nos ajudou a organizar. Quando a gente entrou foi difícil. Agora já acostumou.
- O horário é na sexta mas posso procurar na segunda, qualquer horário. Ou marca horário. Desde o primeiro ano estou com ele. Foi o primeiro professor a falar comigo na escola. Todos vão se tornar professor articulador.
- Articulador faz parte da escola. Se não tivesse, ia ter sem esse nome, por causa da temática da escola.
- Eu acho que a escola é assim porque tem os professores articuladores.
- A gente precisa do suporte desse professor. Se não ia acabar que a gente não ia conseguir fazer nada.
- Acho que se não fosse eles já teria desistido no 1º ano, porque é um mundo diferente. Tu vem de uma realidade, onde o professor só conversa o básico. Aqui não.
- Tu passa três anos da tua vida com o acompanhamento daquela pessoa. No primeiro ano era como se eu tivesse em outro planeta. Muito diferente das outras escolas. Eu não tinha relacionamento com os professores antes. Eu tinha que ter aula e pronto. Aqui não, eles se importam. Eu comecei a me interessar mais pelo mundo acadêmico. Me foquei mesmo. A escola como um todo proporcionou e mudou a minha vida completamente.
- Tu evolui não só na escola, mas na vida. Tu amadurece mesmo. Muda muito.
- Foi uma coisa muito importante. Fez a gente pensar nas nossas escolhas.
- Nessa caminhada, nos três anos, nos ajudam a saber o que queremos. E ajudam a traçar planos para chegar até lá.

Também consideramos importante realizar uma entrevista com um dos Professores Articuladores da Escola, a partir das mesmas questões apresentadas aos alunos no grupo de diálogo. Apresentamos abaixo um excerto:

- Dentro da experiência que estou tendo desde 2014, essa proximidade é algo que não se vê em outras escolas. Proximidade e confiança, é através delas que se desenvolve o trabalho mais qualificado. Tu percebes o individual. Não só o coletivo. Tens visão personalizada, que estratégias traçar para o êxito desses alunos na escola.

A escola, ao considerar as juventudes e suas culturas, sua forma de se inserir



no social, apresenta uma perspectiva ampliada de sua função, ou seja, para além do sujeito do conhecimento, olhando o jovem em outros aspectos constituintes, como os seus desejos e os interesses de formação profissional. Dessa forma, a experiência do Professor Articulador se caracteriza como um tempo e espaço importante de fala e de diálogo sobre o que vem se desdobrando e o que vem permeando a vida do aluno. A entrevista de um dos Professores aponta para o olhar individualizado que é realizado com cada jovem, e as falas dos alunos apontam para as várias possibilidades que o Professor Articulador constrói com os alunos. Esse propicia a construção do sentido do que é aprender, ampliando estilos e auxiliando o jovem na construção de um caminho possível. Gurski (2012) aponta a dificuldade para os jovens se inscreverem no laço social hoje, tanto no espaço psíquico como no espaço público (p. 30). Pode-se pensar através dessa proposta na Escola SESI/RS, que é possível ao jovens “se fazerem representar a partir de marcas pessoais que emprestem sentidos e significações às suas vidas”. (GURSKI, p. 30). Essa marca pessoal, esse jeito particular que cada aluno pode demonstrar e se posicionar, remete-nos à contribuição da escola e desse dispositivo.

O Professor Articulador, como refere uma aluna, faz parte da escola. A escola, ao colocar em movimento esse dispositivo, possibilita lançar um outro e novo olhar sobre a relação estabelecida entre a escola e os jovens, pois oferece espaços e tempos de diálogo que não fragmentam e setorizam a vida dos alunos e que potencializam a função da escola e promovem a inclusão dos jovens no processo educativo.

Para as Escolas SESI/RS “esses jovens mostram que viver a juventude não é preparar-se para o futuro, para um possível ‘vir-a-ser’” (DAYRELL, 2003, p. 49). Assim, seus projetos de curto, médio e longo prazos são considerados, e eles são tidos como sujeitos sociais produtores de cultura. A atuação do Professor Articulador mostra-se importante na tessitura e na construção do projeto de vida, da significação sobre a Escola e do curso de Ensino Médio.

Em relação à escola, conforme Coutinho (2011, p. 5), ela é um espaço de exercício da cidadania e construção de laços sociais. O Professor Articulador, tal como o material de nossa pesquisa indicou, possibilita a construção de relações de confiança, singulares e coletivas, transformando e expandindo a experiência de aprendizagem escolar desses alunos. Assim, trata-se de favorecer processos por meio dos quais os próprios jovens possam construir novas relações com ela e fora dela. Dessa forma,

pretendemos contribuir para a criação de dispositivos que possam potencializar os efeitos dessa instituição de referência para eles, que é a escola, e, simultaneamente, promover a abertura de novas perspectivas e referências extrainstitucionais, tidas como instrumentos cognitivos necessários para que possam vir a atuar e participar efetivamente na construção de si mesmos, de sua comunidade e de sua cidade. (COUTINHO, 2011, p.8)

O Professor Articulador, ao perceber a pluralidade dos modos de aprender, considera as diferentes formas de aprendizagem a fim de potencializar o desenvolvimento dos alunos. Pais (2013) esclarece que

neste sentido, a escola deve atuar como uma plataforma de diálogo entre diferentes sensibilidades e necessidades, deve ser capaz de dar um nó na pluralidade de fontes de informação e de recursos de conhecimento, deve saber estabelecer uma interconectividade entre si mesma e a sociedade de que faz parte, fazendo uso dos diferentes meios de comunicação que circulam na sociedade e que dão sentido a uma educação realista e para a comunidade. (PAIS, p. 373)

### 3 | CONCLUSÃO

O diálogo reflexivo articula-se de modo a auxiliar na elaboração de projetos de vida dos alunos, possibilitando-lhes aporte para que possam articular (novos) sentidos, ajudando-os a construir uma posição protagonista na sua relação com o outro, com o social e cultural. Os alunos reconhecem a dimensão da diferença que o Professor Articulador opera quando o ajuda a refletir e a pensar sobre aquilo que poderá se colocar em sua vida enquanto tempo presente e tempo futuro. Pais (2013, p. 371) reitera que “eles [os jovens] clamam por um futuro. Se falha a capacidade de imaginar o futuro dá-se um refúgio no presente. A descrença no futuro leva alguns jovens a refugiarem-se no presente.

Por isso, propostas escolares que visam à construção de sentidos e de projetos de vida tensionam os modelos educacionais que primam somente pelo desempenho cognitivo de seus alunos. Apresentamos, portanto, uma proposta em que

o jovem torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, e é este o momento em que sua inserção social acontece. Período que pode ser crucial para o seu desenvolvimento pleno como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem a cada um experimentar e desenvolver suas potencialidades. (DAYRELL, 2012)

A percepção dos diferentes estilos de aprendizagem contribui com o diálogo entre Professor Articulador e aluno no sentido de melhor propor estratégias, métodos de pesquisa e estudo para ampliar sua forma de desenhar seus projetos de estudo, de trabalho e de vida. A escola possibilita, assim, significações, ressignificações e transformações, ampliando os contextos de aprendizagens.

### REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

BOHM, D. **Grupos de diálogo**. Comunicação Oral. 1989. Ojai. Disponível em: <[xa.yimg.com/kq/groups/20876648/2033519037/.../Dialogo\\_Bohm.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/20876648/2033519037/.../Dialogo_Bohm.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2014.

COUTINHO G., L. Pesquisa-intervenção na escola: adolescência, educação e inclusão social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, vol. 63, n 1, p. 2-10. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229018648002>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sociocultural**. 1996. Disponível em: <<https://eminclusao.files>>.

wordpress.com/2013/01/dayrell-1996.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set/dez, p. 40-52. São Paulo. 2003

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da juventude**. 2012. Disponível em: <<http://www.ondajovem.com.br/acervo/1/pedagogia-da-juventude>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

FREIRE, P. Prefácio à edição brasileira. In: Snyders, G. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GARBIN, E. M. Diferentes de alguns, iguais a outros! As culturas juvenis invadem a escola. In Cavalcanti, M.; Souza, R. (Org.) **Culturas juvenis: dinamizando a escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

GURSKI, R. **Três ensaios sobre juventude e violência**. São Paulo: Escuta/Clínica Maud Mannoni, 2012.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: Almeida, M. I. M. de; Eugenio, F. (Org.). **Culturas jovens: mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. Entre culturas, pesquisas, currículos e cotidianos: uma conversa com José Machado Pais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, 2013. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss3articles/carvalho-silva-delboni-pais.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA. Departamento Regional do Rio Grande do Sul. **Projeto político pedagógico da escola**. Porto Alegre: SESI/RS, 2013.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-097-1

